

A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA TOMADA DE DECISÕES: O PAPEL DOS REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES NA FACULDADE DE LETRAS



Agenda ACADÊMICA



O Workshop de Fotografia de Teatro 2025 promovido pelo MEF e a ULisboa é a iniciativa ideal para os amantes de fotografia de espetáculos e atividades da 24.^a edição do Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa.

Inutilidade da arte p.06

É possível que tenham razão, que a arte não seja para todos. A simples reflexão sobre a particularidade dos outros não ajuda na busca da sua própria. O amor pela arte não implica necessariamente uma predisposição para a fazer, compreendê-la e estudá-la não garante a ninguém a capacidade de a criar. Então, porquê segui-la?

Todos os Peixes Que Tu Quiser p.25

Olha lá a garotinha brincando na areia! Ela canta as risadas que fazem o mundo funcionar e eu canto sobre a baleia que perdeu a rota. O brilho das escamas brilhantes acumuladas no teu olhar, os peixes que deixei marcados na sua pele morena. Eternos amantes e filhos proibidos de Poseidon, mas tudo bem, afinal curamos a erosão. Te prometi todas as espécies de peixes extintos e as sete maravilhas do mundo – naquele primeiro dia que te vi girando, girando, girando.

TOP 5 ESPAÇOS

POLITICAMENTE ATIVOS em

Lisboa



2

Disgraça e Tortuga

Disgraça é um "centro social DIY anti-autoritário e organizado horizontalmente" localizado perto da estação de metro Anjos, onde vais encontrar grandes *workshops*, concertos, angariações de fundos, *etc.* A maioria — se não todos — são de cariz político. Mas não é tudo: é também uma maravilhosa livraria, *Infoshop* e sala de leitura — Tortuga — que oferece uma grande seleção de livros muito importantes e contemporaneamente relevantes.



1

Casa do Comum

Se alguma vez estiveres no Bairro Alto, não te esqueças de passar pela Casa do Comum — um centro cultural que acolhe muitas exposições, concertos, festas, conferências e lançamentos de livros. Além disso, tem uma livraria independente de segunda mão — Ler Devagar — na qual podes encontrar algo para o teu gosto. O espaço também oferece um bar, onde podes encontrar-te com os teus amigos!

ZDB

A Galeria Zé dos Bois (ou ZDB) é uma associação cultural sem fins lucrativos, ou, como se descreve a si própria, "uma estrutura de criação, produção e promoção de arte contemporânea" localizada no Chiado. Lá, podes visitar diferentes exposições, desfrutar de uma variedade de concertos e visitar a sua livraria, com uma incrível seleção de livros — tanto de ficção como não-ficção. Vale a pena conferir! Não te vais arrepender!



4

Sirigaita

Localizado perto do metro do Intendente, Sirigaita é um espaço autónomo e autogerido compartilhado por múltiplos coletivos e movimentos sociais, A BiblioteKa, Climáximo e Colectivo Marxista. Aqui, podes participar em discussões e eventos políticos, *workshops*, grupos de apoio e visitar a sua biblioteca comunitária feminista. Se quiseres contribuir para a sua gestão — seja através de bartending, limpeza ou reposição de bens essenciais — ajudas a promover e a manter uma comunidade maravilhosa.



3

Livraria das Insurgentes

Situada no Rossio, a Livraria das Insurgentes é uma livraria feminista interseccional que vende apenas livros de "mulheres, pessoas não-binárias e pessoas oprimidos pelo sistema cis-hetero-patriarcal", oferecendo uma incrível variedade de obras brilhantes. Este espaço vai além de uma simples livraria, pois também acolhe diferentes eventos, como *workshops* de escrita!



5

As Lâmpadas da Minha Rua

Autoria: Maria Rodrigues
Edição: Mariana Lameiro
Ilustração: Simona Bloşenco

Não me conformo com a mudança das lâmpadas da minha rua.

Sei que (quase) tudo muda, mas aquelas luzes,

Altas e amarelas,

Juntamente com o cheiro a noite,

Formavam uma parte de mim que julgava nunca se alterar.

Mas alterou.

As luzes são agora brancas e parece que o cheiro da noite é diferente.

Mas eu também sou.

E apesar de preferir as luzes amarelas,

Aceito as brancas e o cheiro diferente da noite,

Porque são parte de mim.



Cabaret

Autoria: Beatriz Brito
Tradução: Maria Pires
Ilustração: Simona Bloşenco

Onde estão os teus problemas agora? Esquecidos? Bem te disse!
A vida é bela. Podemos dormir de noite, sem problemas nenhuns! Eu
ando nas minhas novas botas, que belo!

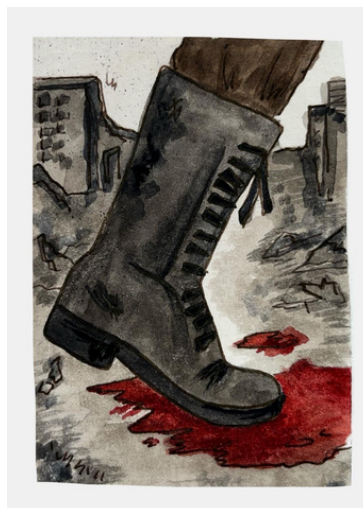
Não olhes para os pedintes, não olhes para as bombas, não olhes para as notícias, não olhes
para as pessoas, não olhes para os jornais.

Só. Não. Olhes.
A vida é bela!
Aquela casa costumava ser familiar, mas agora ergue-se em ruínas.
Não olhes.

A minha universidade já não está de pé.
Não olhes.

As minhas botas pisam algo encarnado.
Só não olhes, por favor.

Fecha os teus olhos, porque a vida é bela e os problemas estão bem longe. Nunca nos cá vão
chegar — é só política!
Onde estão os teus problemas agora? Esquecidos.



Desta Vez

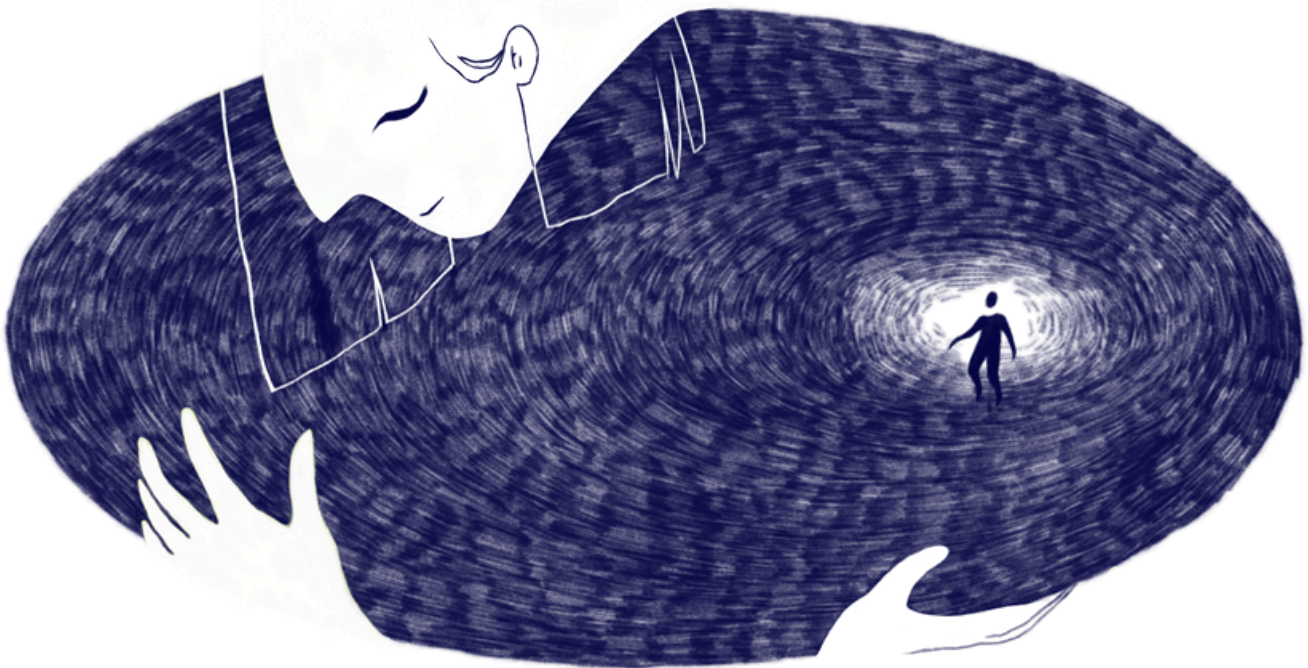
Autoria: Rita Coelho
Edição: Lourenço Ramos
Ilustração: Yuna Le Quéré

Desta vez, dir-te-ei que te amo, por medo de que amanhã já cá não esteja para to dizer. Mas, no dizê-lo, serei breve, tão breve quanto é qualquer sentimento. Meu e teu. Essa brevidade, essa “coisa” efêmera e fugaz cuja descrição me é impossível, inconcebível, conhecê-la-ás porque sou fraca. Exteriormente nobre, interiormente pobre. Sou. Mas tu não. Tu és o bem de tudo o que conheço e o medo reside na ideia de que sejas, porém, único; de que eu nunca vá conhecer outro igual.

Estou certa de que, se for embora, como de costume, tu ficarás. E de que, se eu voltar, como de costume, tu me receberás, envolvendo-me no teu calor que arde e cura.

E eu, fraquíssima de alma e de intelecto, ser que se acha raro não o sendo, não saberei ter-te. Não saberei viver nesse calor. Mas querê-lo-ei.

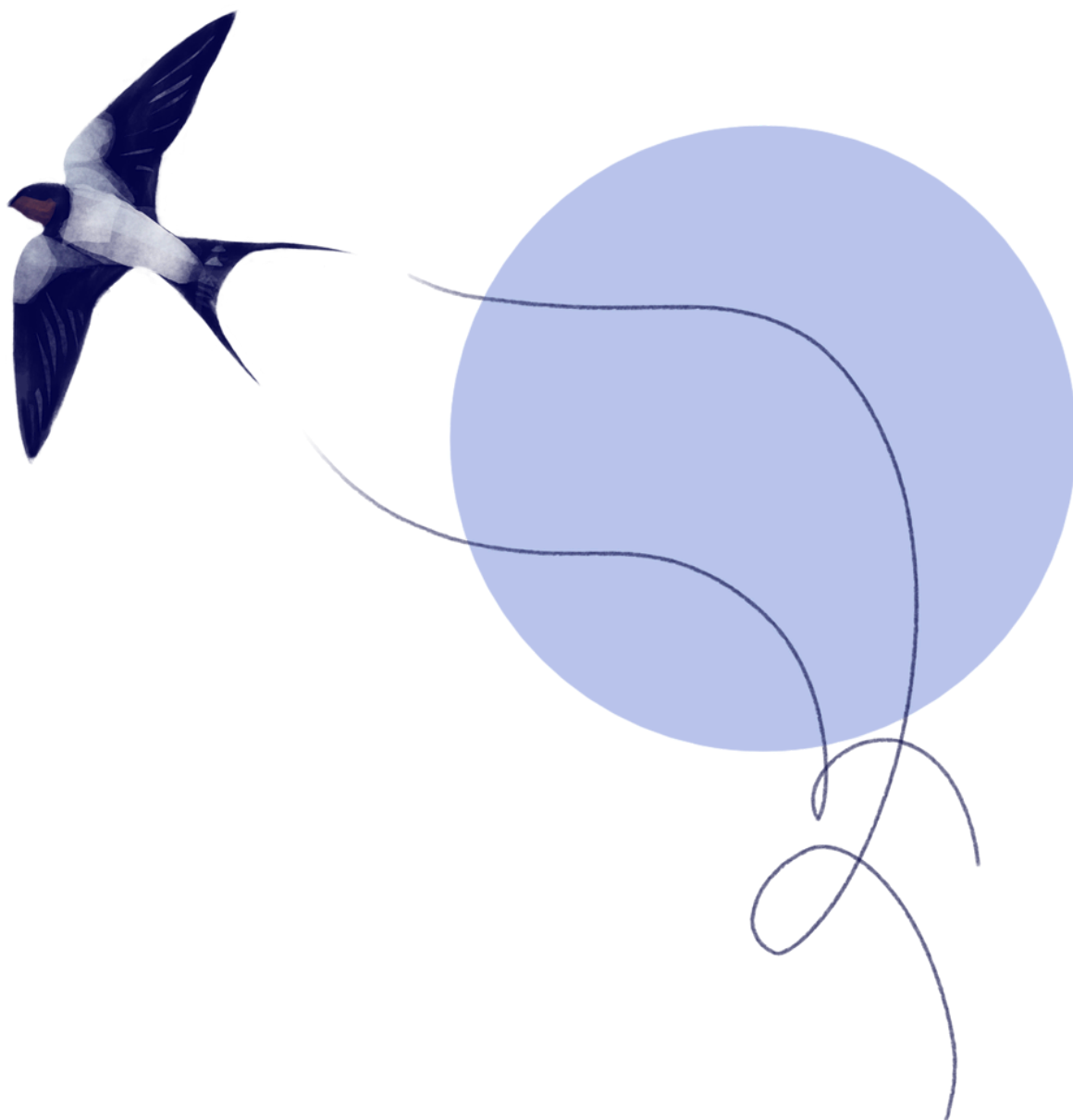
E, de repente, a vida constará da luta entre o desejo de ti e o desejo absoluto de nada querer. Restar-me-á a solidão. Essa que me abraça e que me avisa sobre ti. Significa a tua ausência e me faz querer agir sobre ela. Mas, como de costume, eu nada farei, e se não fores tu a fazê-lo antes de mim, restar-nos-á cair no abismo de não nos termos. Eu cá, tu algures. Mas, desta vez, dir-te-ei o que é verdade. Agirei em conformidade. É verdade que te amo. É verdade que vivo com o medo absurdo de partir(es) sem to dizer.



Saudade

Autoria: Diana Colaço
Edição: Maria Rodrigues
Ilustração: Yuna Le Quéré

Como um pássaro, sair do ninho e voar para uma nova aventura. É o começo de uma jornada que faz amadurecer. Num lugar novo, desconhecido, repleto de descobertas e despertadores da curiosidade, uma nova cidade. Há tanto para ver, ouvir, sentir! Mas, depois dos primeiros passos da jornada, o coração relembra o que já não está perto, o que já não está à distância de um esticar de mão. A casa que ficou para trás e que fica à espera de um retorno, o lar que sempre acolhe. É aí que a saudade bate à porta, quando somos deslocados.



Todos os Peixes Que Tu Quiser

Autoria: Natacha Vieira

Edição: Catarina Casal

Ilustração: Yuna Le Quéré

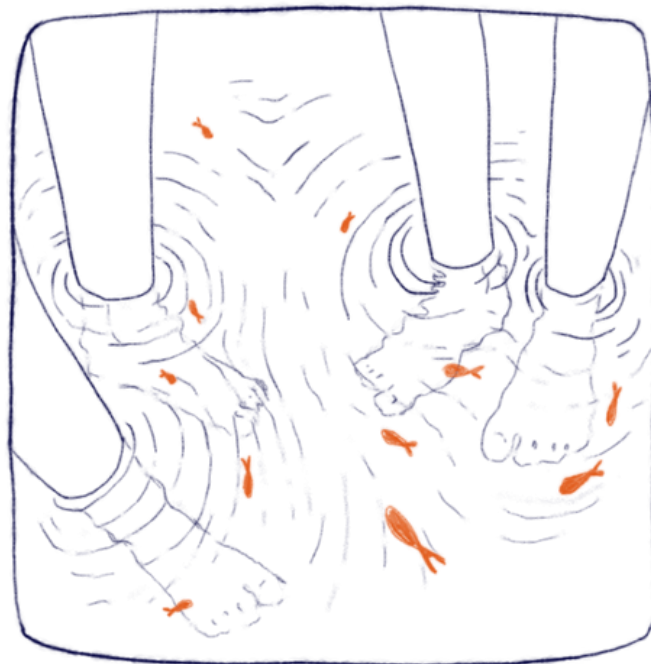
Nascer, viver, morrer. A grande diferença entre estar vivo ou morto – apesar de ter muito morto-vivo andando por aí –, toda essa conversa de não pesar no mundo, todas formas de niilismo, o papo de não brilhar na esfera azul, deixa tudo para trás! Esqueça mesmo. Tu és toda luz. Faz-me este último favor, por todos os dias que escolhi queimar os olhos pra te ver dançar. Esses eram os dias, na praça de calçada portuguesa onde escolhemos viver o samba. Teus pés rápidos e minha pele lenta feita manteiga tentando acompanhar. Como ardes! Não te preocupes amor, assim mato as saudades do Brasil.

Peço-te com mãos chamuscadas e joelhos já em carvão todas as faíscas perdidas por onde vais dançando, dá pra mim. É que eu faço coleção. Dança em mim e deixa-me dançar em ti, me faça solo de baile onde tu deixa todo mundo derretendo. Mas foge não, tá? Afunde-se em mim, deixe o movimento te guiar. No momento que teu salto furou, no momento que tu abraçou minha dor. Tentei avisar! Deixei rastros de cinzas pelo altar. “Pode beijar a noiva” e teu rosto franzido em questão traduz os votos sobre se doar e deixar o fumo pra lá. No momento em que tu cansou de coletar as faíscas por mim, no momento em que tu voltou a fumar.

Lua de mel azul, teu corpo sol, o calor sempre foi nosso aliado! Trocas de sal, suor e meu pavor conhecido que cochichei aos peixes, nossos confidentes. Pavor este nunca desconhecido, conheces minhas raízes. Carrego todo azul do mundo, carregas todo azul do mar. Sou tão rico! Tu e meu azul-dourado na saúde e na doença. Amor conhecido, em nossas veias vive a linguagem dos peixes. Amor nunca desconhecido, transe de feixes de alegria vão atingindo meu corpo com a velocidade de revólver, com a certeza de mãos treinadas pela morte. Vou sentir saudade da praia. Vou sentir saudade de nadar em seus braços, beijos e cachos. Fato é que, por aí, o calor é odiado.

Olha lá a garotinha brincando na areia! Ela canta as risadas que fazem o mundo funcionar e eu canto sobre a baleia que perdeu a rota. O brilho das escamas brilhantes acumuladas no teu olhar, os peixes que deixei marcados na sua pele morena. Eternos amantes e filhos proibidos de Poseidon, mas tudo bem, afinal curamos a erosão. Te prometi todas as espécies de peixes extintos e as sete maravilhas do mundo – naquele primeiro dia que te vi girando, girando, girando. És a alegria do meu carnaval. Naquele primeiro dia de verão, onde percebi – que prometo muito, te quero muito, não sambo muito – que peixes são criaturas bondosas demais, vivem presos e você também. Criei a erosão.

O terror do vazio que sou, o eco da praia dentro de mim, sem solllllllllllllllllllllll semrisadassssssssssssssssssss. Fui pego no flagra, mas não és revólver rápido! Sempre foste igual aos peixinhos atrevidos circulando nossos tornozelos. Tu tão misericordiosa quanto as criaturas divinas de Deus, nosso Pai. Tu perfeita para o mar. E a morte? Não é tão assustadora assim, não quando se aprende a renascer. Não quando as ondas me abraçam! Não quando as ondas beijam minha testa! Tu feita para amar. Morrer, Nascer e Viver. Consegues adivinhar qual peixinho sou?



A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL NA TOMADA DE DECISÕES: O PAPEL DOS REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES NA FACULDADE DE LETRAS



Atendendo à significativa abstenção dos estudantes verificada nas últimas eleições para o Conselho de Escola e para o Conselho Pedagógico no ano passado, constatei que ambos os órgãos são desconhecidos pela maioria dos estudantes.

Assim, este artigo segue-se com o intuito de mitigar esse problema, consciencializando os estudantes da Faculdade de Letras do seu direito à representação nos órgãos de tomada de decisão e gestão da Faculdade de Letras.

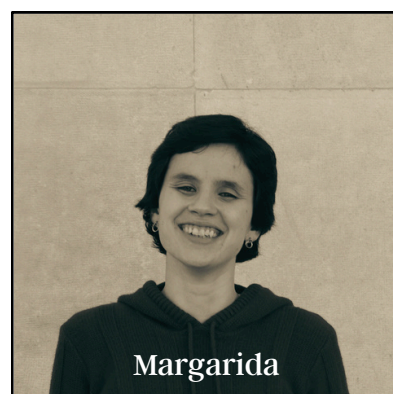
O exercício democrático a níveis mais circunscritos, como no caso de uma faculdade, é crucial para o funcionamento da democracia. Então, motivadas pelo mau funcionamento, em múltiplos aspetos, da Faculdade de Letras, Leonor¹, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas, e Margarida, frequentando a licenciatura em Estudos Gerais, decidiram candidatar-se, no ano de 2023, ao cargo de Representantes de Estudantes no Conselho de Escola, para o qual foram eleitas.

No passado dia 18 de setembro, entrevistei-as com o objetivo de entender quais as suas funções internas, bem como as propostas apresentadas ao longo do seu mandato (que terminará no primeiro semestre do próximo ano académico). Para além do mais, falou-se sobre a necessidade de divulgar e aproximar os estudantes dos espaços democráticos na Faculdade de Letras.



Leonor

¹ Leonor já não exerce o seu cargo.



Margarida

O QUE É O CONSELHO DE ESCOLA? COMO FUNCIONA INTERNAMENTE (MEMBROS, TAREFAS, ETC.)?

«O Conselho de Escola é um órgão de governo da Faculdade, composto por doze docentes, dois alunos e um trabalhador não docente. As suas funções abarcam eleger o Diretor da Faculdade e apreciar as decisões do Conselho de Gestão e algumas outras do Diretor em relação ao funcionamento da Faculdade. Por exemplo, aprovamos o orçamento e os Estatutos da Faculdade e dos Centros de Investigação. Os Estatutos da Faculdade são o regulamento da Faculdade; sempre que há uma nova alteração dos estatutos, cada membro dá a sua opinião e, de seguida, votamos para aprovação ou reprovação.»

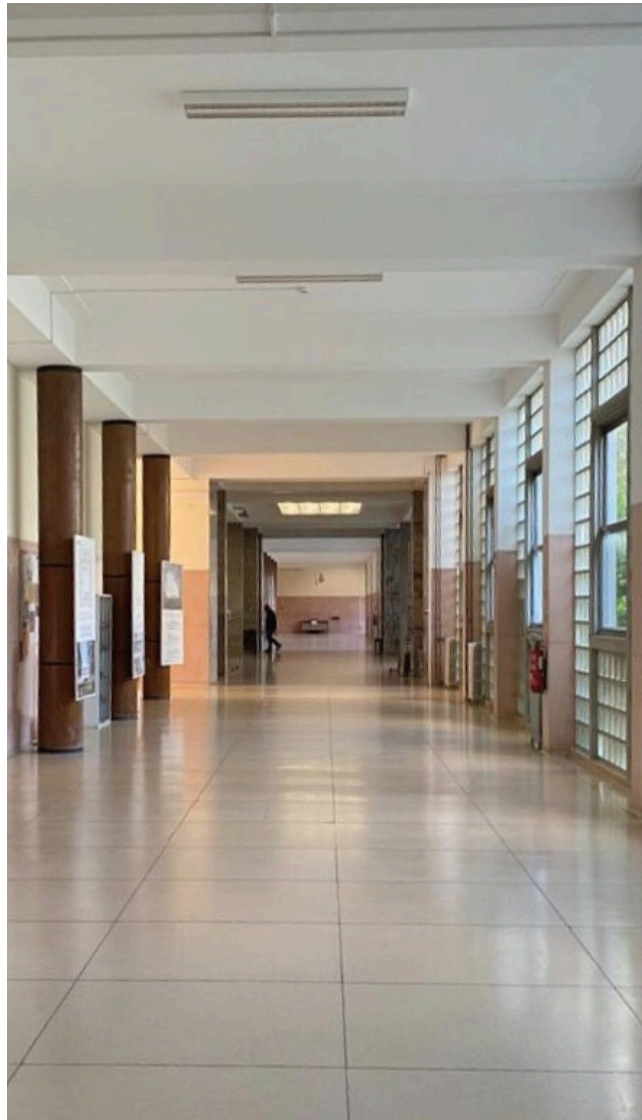
Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Nós recebemos um orçamento detalhado, elaborado pelo Conselho de Gestão, onde conseguimos não só distinguir as partes financiadas pelo Estado e pelos alunos, mas também perceber como a Faculdade utiliza esse dinheiro. Depois, fazemos a nossa apreciação.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Sim, o Conselho de Escola é um órgão de supervisão que existe para que o poder esteja melhor repartido e não apenas centrado no Diretor e subdiretores.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL



O QUE É O CONSELHO PEDAGÓGICO? QUAL É O SEU FUNCIONAMENTO INTERNO (MEMBROS, TAREFAS, ETC.)?

«É um órgão onde o número de membros está equiparado: há quatro docentes e quatro alunos, sendo cada área da Faculdade — Filosofia; História; Ciências da Linguagem e Literaturas, Artes e Culturas — representada por um aluno e um professor. Assim, existe a oportunidade de os alunos das diferentes áreas indicarem os seus problemas específicos, aos quais os professores dessas mesmas áreas conseguem responder e expor, também, a sua perspetiva. Além disso, o Conselho Pedagógico preocupa-se com o bom funcionamento das unidades curriculares, do calendário académico e das avaliações. No fundo, é tudo o que diz respeito aos estudantes e à vida académica. É também o local onde se deve dirigir caso se tenha um problema e se sinta injustiçado.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Isto é, não só em questões de avaliação, mas também de assédio ou maus-tratos. O Conselho Pedagógico é o órgão que existe para ajudar os alunos e tem um horário de atendimento semanal.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

QUANTAS REUNIÕES HÁ COM CADA UM DOS ÓRGÃOS?

«O Conselho de Escola reúne-se, ordinariamente, duas vezes por ano, mas, por decisão do Presidente, podemos reunir-nos, extraordinariamente, se e quando for necessário. O Conselho Pedagógico reúne-se uma vez por semestre, mas pode também fazê-lo mais vezes, se for preciso. Tudo isto está detalhadamente descrito nos Estatutos da Faculdade. A duração dependerá da quantidade de assuntos que houver para discutir.»



«Há tivemos reuniões do Conselho de Escola que demoraram quatro horas, mas varia muito. São bastante exaustivas e, no final, estamos todos com fome.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Em relação ao funcionamento e ao papel dos Representantes dos Estudantes nas reuniões, a Presidente costuma enviar-nos com antecedência todos os documentos que serão tratados na reunião para lermos com atenção. O que normalmente acontece numa reunião é percorrermos ponto a ponto a ordem de trabalhos. No caso de sermos nós a apresentar uma proposta, para além do documento escrito enviado com antecedência, expomo-la brevemente. Em seguida, os membros podem dar as suas opiniões e, finalmente, votamos levantando a mão.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Só na eleição do Diretor é que o voto é secreto.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Quanto ao Conselho Pedagógico, é a mesma coisa.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

O QUE É A LEI DA PARIDADE E PORQUE SE REVELOU ELA UM CONTRATEMPO?

«Nós não somos de Direito, por isso vou dizer o que está escrito na lei e depois explicar por palavras mais simples. A Lei da Paridade visa promover a representação equilibrada entre homens e mulheres no pessoal dirigente e nos órgãos de administração pública. Por palavras mais simples: é uma forma de impedir que os cargos sejam ocupados ou só por homens ou só por mulheres. É, então, necessário que haja pelo menos 40% de pessoas de cada género nos cargos. O que aconteceu no nosso caso foi: como somos duas raparigas, ao chegar à Reitoria, a lista foi mandada para trás, porque não estava de acordo com a Lei da Paridade. Logo, anularam as eleições que houve e tivemos de nos recandidatar. Desta vez, colocámos o nome de um rapaz e de uma rapariga na lista, assentando a priori que, assim que tomássemos posse, o rapaz renunciaria ao cargo e a primeira suplente seria eu. Porque a nossa intenção era, desde o início, ao começar isto justas, continuar nisto juntas – e não faria sequer sentido que o lugar fosse ocupado por alguém que não estivesse a par do trabalho feito nas eleições e na campanha. Não há muito que possamos fazer em relação à Lei da Paridade, mas, claramente, em casos como este, o objetivo de apoiar as mulheres fica por cumprir.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«No caso dos Representantes dos Estudantes, como há só duas posições, acho que mais importante que as proporções impostas pela Lei da Paridade é a vontade de querer lá estar, porque é um cargo que exige responsabilidade e compromisso, já que dura dois anos.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL



UMA DAS VOSSAS PROPOSTAS EXIGIA ACRESCENTAR UM CARGO DE REPRESENTANTE DOS ESTUDANTES, CERTO?

«Antes de responder a isso, queria só referir algo que ficou por mencionar no princípio. A nossa ideia, inicialmente, era fazer uma lista só para o Conselho de Escola.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Na altura, nós achávamos que o Conselho de Escola iria ajudar mais a resolver os problemas dos estudantes do que o Conselho Pedagógico.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Para além disso, tendo nele havido representação estudantil no mandato anterior, achámos que os representantes dos estudantes do Conselho Pedagógico fossem querer continuar a exercer os seus cargos. Isso, acrescentado ao facto de estarmos ainda a aprender a fazer uma lista – a ler os regulamentos complexos, a pedir assinaturas, etc. (lá mais para o final do mandato, estamos a pensar fazer, na nossa página de Instagram, um guia sobre como criar uma lista) – resultou em que não tivéssemos feito nenhuma para o Conselho Pedagógico até ao último dia de

entrega das listas. Aí, disse-nos o Presidente da Comissão Eleitoral que, caso não fizéssemos uma lista para o Conselho Pedagógico, também ficaríamos sem representantes dos estudantes nele.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«É, especialmente no Conselho Pedagógico, importantíssimo termos alunos que representem os estudantes, porque é o órgão que mais intervém e que mais próximo deles está.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Nós não tínhamos bem a noção disso e é por isso que agora estamos tão empenhadas em dar a conhecer estes cargos.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Mas, respondendo à tua pergunta em relação ao Conselho de Escola, a nossa opinião é que claramente tem poucos alunos. Como disse no início, são doze docentes e apenas dois alunos. Concordamos que faça mais sentido haver mais docentes do que estudantes, porque são eles que têm maior experiência – seja de vida, seja de conhecimento da Faculdade. Contudo, somos da opinião de que todas as pessoas da Faculdade têm um papel, sejam elas trabalhadores não docentes ou alunos. Foi por isso que tentámos aumentar o número de representantes, nem que fosse só para três, seria um começo. Mas não foi aprovado, com muita pena nossa.

Até porque, havendo mais alunos, os nossos problemas serão mais frequentemente discutidos e sensibilizaremos mais para o que está a acontecer. Como há tantos docentes, às vezes, sentimos que estão mais a pensar nos Centros de Investigação e nos problemas que eles enfrentam.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Sim, naturalmente são mais falados os problemas dos docentes do que os dos alunos. A desproporcionalidade que há na representação de docentes e não docentes acaba por se refletir, no geral, na Faculdade. Como diz no RJIES², o Conselho de Escola deve ter no máximo quinze membros e há uma série de regulamentos sobre como este deve ser formado.

Os docentes devem constituir pelo menos 60%, devem ser incluídos alunos e pode haver trabalhadores não docentes, bem como entidades externas. Logo aí, estamos de mãos e pés atados. Atualmente, já há quinze cargos; logo, pedir um cargo de representante a mais implicaria que um dos cargos dos docentes deixasse de existir, portanto ainda mais se complica os alunos terem mais representação.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Ainda por cima os docentes já ocupam os três lugares de entidades externas – ou seja, eles já estão a mais. Na nossa proposta, falámos sobre outras Faculdades, cujos conselhos têm mais alunos. Por exemplo, a Faculdade de Belas-Artes tem quatro representantes no Conselho de Escola e a de Direito tem cinco.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Logo aí, há mais representação dos estudantes. Sem falarmos do facto de só existir um cargo para o pessoal administrativo e técnico (não docente), que é uma base crucial para o funcionamento da Faculdade. Algo que, claramente, devia mudar.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Podemos referir também o que os professores nos responderam: o seu maior argumento para chumbarem a proposta foi a falta de interesse por parte dos alunos.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Isso e ter havido tanta abstenção; relembramos que só quatro por cento dos alunos votaram.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

² Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior.

MENCIONAM A PROPOSTA DE ABRIR UM REFEITÓRIO E ZONA DE CONVÍVIO COM PREÇOS MAIS ACESSÍVEIS PARA OS ESTUDANTES. NÃO SERÁ ALUGADO À MESMA EMPRESA QUE OPERA NOS OUTROS TRÊS ESPAÇOS DE RESTAURAÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS?

«A nossa ideia original era: se o espaço não pudesse ser alugado a uma empresa, que pelo menos fosse disponibilizado para espaço de convívio e refeição. Aquilo que o Diretor Executivo nos disse é que ninguém quer abrir uma empresa de alimentação na FLUL, porque não é rentável. Esta empresa teria de implementar todo um novo sistema de eletrodomésticos, ou seja, teria de investir imenso. E claro, o objetivo seria sempre que as refeições fossem a preços acessíveis, mas não há quem queira ser caridoso e vir ajudar os estudantes de Letras. Claro que existe a cantina velha, mas, como a nossa faculdade tem o problema de não ter uma hora de almoço designada, era bom que houvesse um espaço no qual se pudesse comer, nem que fosse em quinze minutos, porque não dá tempo para ir até à cantina velha. Sabemos que o Diretor Executivo estava a tentar encontrar soluções, como micro-ondas, mas não sabemos que progresso leva a situação.»

**Leonor, licenciada em
Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL**

A REABERTURA DE UMA REPROGRAFIA NA FACULDADE FOI UMA MOÇÃO FALADA NAS REUNIÕES. QUAL É O SEU SEGUIMENTO?

«Para dar algum contexto, a Reprografia Vermelha fechou porque tinha dois espaços: um em Direito e outro em Letras. Como a Faculdade de Direito é bastante tradicional, eles são obrigados a fazer muitas impressões.



Portanto, torna-se mais rentável para eles estar na Faculdade de Direito que na nossa. Além de que os nossos semestres eram bastante curtos e não lhes compensava pagar a renda da Faculdade. Entretanto, já se encontrou uma nova empresa que vai abrir na Faculdade.»

**Leonor, licenciada em
Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL**

A PROPOSTA DE UM INTERVALO ENTRE AULAS E DE UMA HORA DE ALMOÇO DESIGNADA FOI LEVANTADA EM ALGUMA REUNIÃO?

«O problema na implementação dessa medida é que isso resultaria num atraso imenso das aulas, mesmo que fossem apenas cinco minutos entre elas.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Como o Pavilhão Novo foi fechado, tiveram de condensar todas as aulas no edifício principal e no da biblioteca. Se houvesse intervalo, as aulas teriam de “descer no horário” e não haveria salas para todos.

A construção do novo edifício vai permitir que haja mais salas e vai poder existir um intervalo como havia anteriormente.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

COMO TENCIONAM PROCURAR SOLUÇÕES PARA A FALTA DE VAGAS NAS UCS³ DE FORTE PROCURA?

«Eu nunca me consegui inscrever nessa cadeira. Uma das coisas que o Diretor escreveu no seu programa é que quer fazer mais contratações. Isto é, renovar o corpo docente em idade de reforma, contratando novos professores. A partir daí, haveria uma otimização dos horários. Nós queremos perceber que UC têm menor quantidade de alunos inscritos e modificar esses horários, para que cadeiras com maior procura se tornem mais acessíveis.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Esse é um trabalho que seria feito com os Serviços Académicos, pois acredito que conseguiríamos chegar a algumas soluções, visto que eles possuem esses dados das inscrições. Agrada-me a nova direção e acho que tem feito muita coisa desde o início do seu mandato e tem tido uma maior disponibilidade na solução de problemáticas como esta.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«O Diretor tem demonstrado interesse em perceber e solucionar as problemáticas dos estudantes; enquanto o anterior exercia uma política de maior afastamento em relação aos alunos.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

O QUE PODE SER A CAUSA DA FALTA DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA ELEIÇÃO DOS ÓRGÃOS DE GOVERNO?

«É provável que a maior causa seja a falta de divulgação dos órgãos da faculdade. Foi uma das coisas que me chamou a atenção neste início de ano académico: não houve nenhum momento no qual se apresentassem os órgãos de governo da Faculdade. Os professores são os únicos que estão a par destas informações.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Também acho importante reconhecer que os docentes estão na Faculdade há anos, constantemente a repetir estes processos, enquanto os alunos estão apenas três.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

³ Unidades Curriculares.

«Além da falta de divulgação, acho que a linguagem utilizada no protocolo é difícil de compreender. Quando fizemos a nossa candidatura como representantes de estudantes, tivemos uma grande dificuldade em interpretar o regulamento.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Para além de que as Comissões Eleitorais estão proibidas de nos ajudar, pois seria injusto para as outras listas.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Portanto, os alunos ficam com a responsabilidade completa de perceber as burocracias necessárias para a criação de uma lista. É inevitável que se crie uma inércia que desmotive a participação.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

DE QUAIS DAS VOSSAS CONQUISTAS ESTÃO MAIS ORGULHOSAS?

«Em primeiro lugar, a proposta do voto electrónico, que foi aprovada por unanimidade, em muito devido ao facto de as nossas eleições terem decorrido durante as férias de Natal – o que causou uma grande abstenção por parte dos alunos deslocados.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Também a nossa proposta de voltar a abrir a reprografia. Vale a pena referir que não fomos os únicos a falar neste ponto, visto que a AE também tem estado a insistir.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

«Achamos que, se não tivéssemos falado tanto com o Diretor Executivo em relação a isso, provavelmente não seria um problema a que fosse prestar tanta atenção, logo no início do ano académico.»

«É o mesmo caso com o espaço do Minicampus FLUL — reforçámos a necessidade de um espaço para refeição na Faculdade.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Também é de considerar a receptividade que temos tido com os outros membros dos conselhos. E temos aberto esse espaço para os estudantes também: temos conseguido que os alunos venham falar connosco. Mesmo que não tenha diretamente a ver com os conselhos, se houver alguma dúvida, nós vamos tentar ajudar ou redirecionar a quem possa. É importante criar uma relação de confiança com os alunos.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL

QUAL ACHAM SER O MAIOR PROBLEMA QUE OS ESTUDANTES DA FLUL ENFRENTAM?

«Excluindo as questões de alojamento, propinas e ação social que, no fundo, são problemas que atingem todos os alunos de todas as faculdades, o que eu acho que sobressai é a falta de união, a falta de espírito académico e de pertença a alguma coisa. Como não há turmas, se não fores uma pessoa muito extrovertida, é muito fácil isolares-te.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Acho que a questão mais específica da Faculdade de Letras é a questão dos cursos que têm uma componente muito livre: como LLC, Estudos Gerais e Artes e Humanidades. Estes cursos são os que mais sofrem, tanto com a questão das vagas nas cadeiras como com cadeiras que prometem abrir e depois não abrem. Portanto, um aluno vem para esses cursos com a ideia de ter um percurso muito livre e depara-se com o facto de não ter vagas em nada e com cadeiras que não abrem anos consecutivos – o que resulta em que os alunos se sintam enganados.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL



«Logo aí, nota-se falta de comunicação e falta de ajuda por parte da Faculdade e dos docentes em orientar o aluno no seu percurso académico. Há inúmeros casos de alunos que têm de ficar mais um semestre, porque fizeram as cadeiras erradas ou têm de fazer mais algum nível de alguma língua. E essa informação, apesar de estar disponível no site, tem de ser constantemente divulgada e falada. Por esse motivo, nós queríamos voltar a implementar o apoio dos tutores.»

**Leonor, licenciada em
Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL**

«Por conseguinte, os alunos acabam por dizer “só quero acabar o curso e ir-me embora”. Isto é uma tristeza, pois a faculdade é um momento da vida muito importante em que, provavelmente, conhecerão os amigos para a vida.»

**Margarida, estudante de
primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL**

«Além de que a Faculdade tem uma oferta letiva incrível, tem ótimos professores e é mesmo triste não conseguir estudar o desejado.»

**Leonor, licenciada em
Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL**

COMO ENTRAR EM CONTACTO CONVOSCO?

«Através dos nossos meios de comunicação, nomeadamente o Instagram: [representantes.alunos.flul](https://www.instagram.com/representantes.alunos.flul).

Também criámos um e-mail: representantes.alunos.flul@gmail.com, por onde também podem comunicar. Queríamos, também, que ficasse esclarecido que os Representantes dos Estudantes, tanto no Conselho de Escola como no Pedagógico, pertencem à mesma lista e trabalham em conjunto. E, portanto, qualquer questão, seja para um conselho seja para o outro, pode ser enviada a estes contactos.

**Margarida, estudante de
primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL**

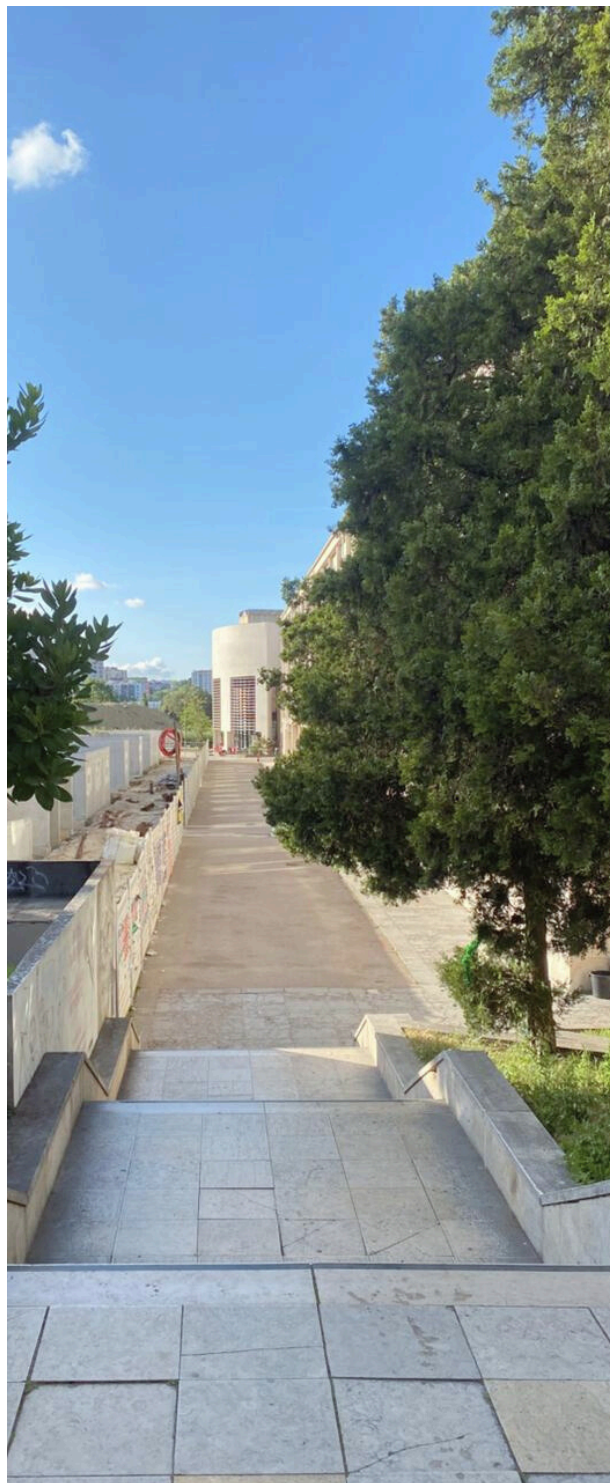
QUE MENSAGEM QUEREM DEIXAR PARA TODOS OS ESTUDANTES DA FLUL?

«A mensagem que gostaríamos de deixar é: nós queremos criar uma comunidade académica unida, porque nós acreditamos que só vamos resolver os problemas da Faculdade se nos unirmos em vez de andarmos todos dispersos, cada um por si, a pensar nos seus problemas. O nosso lema principal é que todos os membros da Faculdade são importantes, sejam alunos, sejam docentes, sejam trabalhadores não-docentes. A Faculdade só funciona se estes três grupos trabalharem para o mesmo objetivo e, neste momento, não sentimos que isso esteja a acontecer. Achamos que a faculdade só vai progredir quando os alunos se mostrarem mais interessados e os professores se mostrarem mais receptivos ao que temos a dizer. O objetivo é gostarmos do processo de por aqui passar e saímos todos satisfeitos uns com os outros.»

Leonor, licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas na FLUL

«Claro, naturalmente, o nosso foco principal são os alunos, mas também é importante que os docentes e os não docentes estejam bem. Porque, por mais desunida que seja uma comunidade, os seus membros vão sempre depender uns dos outros. É importante lembrar que somos mais de quatro mil alunos; conformamos uma grande parte desta instituição.»

Margarida, estudante de primeiro ciclo em Estudos Gerais na FLUL



Futuro

Autoria: Nuno Brandão
Edição: Mariana Lameiro
Ilustração: Yuna Le Quéré

Eu não sou o homem que aqui entrou.
Eu fui um homem que já não existe.
Eu já não sou ingénuo nem triste.
Eu sou o ferimento que sarou.

Seguiria este caminho outra vez?
Se soubesse tudo o que sei,
Os horrores que desafiei,,
Considerava-o, talvez.

Deixei fogos queimarem-me,
Pensava que eram o que me fazia viver.
Enquanto era amado, não o conseguia ver.
Demónios cegavam-me!
De mil destroços tive de me erguer
E tudo isso só para te reconhecer.

Seguiria esse caminho outra vez?
Sabendo o que sacrifiquei,
Cada destino que contemplei...

Agradeço o esforço que o antigo homem fez.



Agenda ACADÉMICA

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta *Agenda Académica*, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.



Workshop de Fotografia de Teatro 2025 | MEF

O Movimento de Expressão Fotográfica, em parceria com a ULisboa, promove um Workshop no âmbito da 24.ª edição do Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa. Este combina teoria, dedicada a técnicas de fotografia de cena, prática, que inclui a cobertura fotográfica dos espetáculos e atividades do festival.

Meu matalote e amigo Luís de Camões

Esta exposição propõe uma leitura visual e temática de *Os Lusíadas*, explorando o diálogo entre o poema épico de Camões, a sua autobiografia e as artes visuais. Esta mostra oferece uma experiência acessível e envolvente para todos os públicos, de especialistas a visitantes ocasionais, destacando relações inesperadas entre texto, imagem e contexto histórico-literário.



ULisboa na Feira do Livro de Lisboa

De 4 a 22 de junho de 2025 a ULisboa marca presença com as publicações da Imprensa da Universidade de Lisboa (IUL). Nesta estarão disponíveis ao público edições do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) e do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT). Encontra-os no pavilhão G28! Além disso, dois lançamentos serão realizados nos dias 5 e 17 junho.



Aqui podes encontrar eventos como **concertos, congressos e colóquios** de interesse académico, bem como **eventos** de natureza intelectual e com impacto social.

Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



III Corrida Solidária AEIST

Este evento desportivo e solidário tem o objetivo de apoiar a Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa (APCL) e contribuir para os seus projetos em desenvolvimento. A iniciativa inclui duas modalidades – 10 km de corrida e 5 km de caminhada. Decorrerá na zona do Taguspark, em Oeiras, no dia 31 de maio.

Concerto Final de Temporada

O Concerto Final de Temporada, do Coro da Universidade de Lisboa, tem lugar no Jardim Botânico Tropical da Universidade de Lisboa, no dia 06 de julho de 2025, às 16h30 e integra o programa Música na Universidade de Lisboa.



18ª Edição GAB-A /

Galerias Abertas das Belas-Artes.

Durante o fim de semana de 6, 7 e 8 de junho, a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa vai acolher as GAB-A, um evento que combina mostra artística e fórum de discussão, abrindo ao público os espaços onde os trabalhos são criados. Promovem a partilha entre estudantes de todos os ciclos (licenciatura, mestrado, doutoramento)!

Lembranças Primavera

Autoria: Khrystyna Tsupryk

Tradução: Khrystyna Tsupryk e Laura Prezzi

Ilustração: Yuna Le Quéré

Os dias ensolarados finalmente chegaram, e com eles, todas as cores em flor. Um alívio para os deprimidos, um inferno para os alérgicos. Sinceramente, se não fosse pela minha medicação contra as alergias, eu não conseguia funcionar. Dito isso, deixem-me compartilhar alguns pensamentos.

Eu odeio cravos com todo meu coração. Sempre os odiei, um sentimento herdado da minha mãe. Eu já os desprezava muito antes de saber que eram “flores de funeral” na cultura ucraniana. Mas agora, com a guerra, eu odeio-os com um novo tipo de desespero e raiva. Cravos murchos sobre um túmulo recente, símbolos de tantas vidas interrompidas.

No entanto, aprendi a apreciar os cravos vermelhos. Não a amá-los, nem sequer a gostar deles, mas a reconhecer silenciosamente o seu significado. Crescer em Portugal ensinou-me que os cravos vermelhos simbolizam a liberdade – a liberação do povo português da opressão fascista. Representam um tempo de paz que foi arduamente conquistado.

Eu amo as papoilas. Elas dão-nos, aos ucranianos, as amadas sementes de papoila, que usamos em pastelaria. Mas a papoila também carrega um peso simbólico. Uma papoila na lapela é o símbolo da memória militar – uma lembrança constante sobre “guerra”. O “Nunca Mais!” que desaparece, enterrado nos escombros de vidas esquecidas.

E, ainda assim, a minha mente volta sempre ao vermelho. Vermelho, sangue. Sangue, guerra. Guerra, morte. Morte, cemitério. Cemitério, flores. Flores, emoções. É tão estranho... Uma cor tão cheia de paixão, tão ligada às celebrações da vida, ao amor em si, é também capaz de capturar a decadência, a tristeza e o luto com igual intensidade. As lágrimas que derramamos podem vir tanto da alegria quanto do desespero.

Continuo a minha *trip* induzida pelos anti-histamínicos.

Vermelho, comunismo. Comunismo, opressão. Opressão, repressão. Repressão, tirania. Tirania, trabalho forçado. Trabalho forçado, sangue. Sangue, morte. Historicamente, o meu povo nunca teve descanso das garras sangrentas dos ruzzos. Quando chegou, o socialismo foi um novo terror, imprevisível e implacável. Explorou ucranianos indiscriminadamente, dos pobres à burguesia sem distinção.

Os anos 60 na Ucrânia foram um pesadelo para os intelectuais e artistas que ousavam manter viva a nossa língua. Estes foram torturados, mutilados ou enviados para trabalhos forçados na Sibéria. O fim era comum a todos, estavam mortos, forçados a partir com tanto ainda para dar. Tantas mentes brilhantes, ceifadas no florescer da juventude. Nos anos 70, alguns foram encontrados decapitados ou enforcados em suicídios encenados – uma tentativa de esconder a verdade do seu sofrimento. Partiram, deixando um corpus de trabalho escrito com o seu sangue.

Não tenho inveja do povo português, que viveu os últimos 50 anos em paz. Só vos peço um favor, lembrem-se sempre do “nunca mais”. Eu entendo o medo de um governo de extrema direita. O que eu não consigo entender, no entanto, é a glorificação do socialismo por alguns dos meus colegas portugueses mais jovens.

Sempre que eu ouço a retórica marxista a soar na FLUL, tenho vontade de pegar naquele manifesto vermelho e dar-lhes com ele na cabeça. “São cegos ou não veem onde essa coisa levou o meu povo? Os ucranianos foram obrigados a passar FOME (Holodomor- genocídio pela fome imposto pela União Soviética à Ucrânia entre 1932 e 1933) em nome de um ‘bem maior’!

Repressões, corrupção desenfreada, e o fedor do medo em toda a parte. Vocês querem viver num mundo assim? Ou são tão ingênuos a ponto de achar que qualquer forma extrema de socialismo pode levar a uma sociedade utópica? Abram os olhos!”.

A minha mente retorna à linha principal do tempo neste multiverso.

Mas as flores, como a história, nunca são simples. Carregam o peso do passado e, ainda assim, florescem. Os cravos vermelhos em Portugal lembram às pessoas a liberdade conquistada com o sangue e a vitória sobre a opressão. Para nós, ucranianos, são lembranças de vidas roubadas, de sonhos esmagados e de uma História que não nos deixa descansar. Cada pétala é um grito por aqueles que não sobreviveram.

Acho que as papoilas são as flores mais honestas. Elas não mentem. Crescem entre trincheiras, campos de batalha e escombros, simbolizam a realidade brutal da guerra, o que foi perdido e o que resta. O seu vermelho vivo não é apenas uma homenagem, é uma maldição. Mesmo assim, florescem de novo todos os anos e em qualquer lugar, lembrando-nos da resiliência e da dor que persistem por causa da violência.

E é claro que o alívio do anti-histamínico não dura para sempre. Estou de volta à garganta e olhos irritados. Estou a espirrar sem parar, e a dor (ardor nos olhos e garganta) é certamente o estágio final desta agonia. Se a filosofia fosse uma doença, seria a alergia. Primeiro, é só uma comichão que se medica, mas culmina em debilitação. Em filosofia, questiona-se, reflete-se muito para encontrar uma resposta, apenas para concluir que não há solução. Continuo.

As flores são mais do que símbolos de guerra. Elas carregam amor também. No dia 8 de maio, os ucranianos celebram a vitória sobre o fascismo e aqueles que morreram nessa luta. Lembramo-nos das papoilas, sim, mas também das pessoas – os soldados, os civis, os sonhadores. Essas flores são um apelo à ação: lembrar, para nunca mais.

Os cravos de Portugal simbolizam a liberdade, lembrando-nos que a vitória não precisa ser marcada pela violência. Não por balas na câmara da arma, mas por flores que brotam do cano do fuzil. Na Ucrânia, apesar de todo o sangue derramado, eu quero essa paz elusiva que nunca nos foi dada, quero que o meu povo possa finalmente descansar. A nossa História é de luto, e ainda assim as nossas flores – as nossas papoilas vermelhas e os nossos cravos fúnebres, continuam a florir.

E mesmo nos tempos mais sombrios, a primavera chega. Ela vem com a promessa de que a vida renascerá, por mais vezes que tenha sido enterrada por invernos de dor. E as flores continuarão a nascer teimosamente, desafiando a dureza humana. As papoilas e os cravos, símbolos de sofrimento e sobrevivência, lembram-nos que a vida, (assim como a própria primavera), retorna sempre. E nesse retorno, há esperança. Esperança de que um dia as nossas flores florescerão em paz, e não teremos mais que chorar.

Até esse dia, lembramo-nos. Para sempre.



Um Poema Para Renascer

Autoria: Gabriel Yukio Goto
Edição: Mariana Lameiro

Que num futuro passado seja possível
Desmascarar falsos profetas e absolver
Vilões injustiçados.
Que o sol de inverno, por mais que se esforce,
Nunca nos aqueça como gostaria.
Busco pela redenção de um amor tranquilo,
Depois de tanto decepcionar.
Uma nova jornada, em que o sonho ainda persiste,
E eu, tantas vezes culpado,
Maldito réu confesso,
Consigo aprender a nadar.
Nessa imensidão oceânica do teu abraço,
Que me convida ao naufrágio,
Minha última peça sairá do eterno rascunho:
Um céu eternamente azul até ao fim da tarde,
Um amor de inverno que persista
Até ao calor do inferno.
Se for para o vilão morrer, que seja a vida a matá-lo.
E que você me renasça.

Cordeiro

Autoria: Clara de Freitas
Edição: Mariana Lameiro
Ilustração: Simona Bloşenco

Evitar o jantar em casa dos avós era uma habilidade que ela ainda não dominava. Sempre que todos os membros da família do pai estavam presentes, a rapariga fazia parte de uma telenovela: cada um desempenhava o seu papel.

“Já aprendeste a cozinhar?”, pergunta-lhe o tio.

Era o segundo marido da tia, visto pela família como um melhor esposo. Nunca percebera o porquê. O primeiro tio tinha problemas com a bebida, mas era um bom homem — ao contrário do seu pai, que era apenas um bêbado. Este novo tio era um toxicodependente e, agora, um rufia.

Para ela, que fizera doze anos há apenas umas semanas, aquela pergunta era absurda e lançada ao acaso no meio de conversas que nada tinham que ver consigo.

“Sei fazer bolos, mas não gosto muito de cozinhar.”

O cabelo caía-lhe sobre o rosto, ajudando-a a evitar o olhar irado do tio.

“Então tens de aprender a gostar, ou nunca arranjarás um homem.”

A menina cruzou as pernas e olhou para o prato, ainda intocado. A avó sabia que ela detestava qualquer prato com borrego, mas servia-o com frequência na mesma.

Por um instante, sentiu-se intimidada. Ele era um touro numa arena e ela estava vestida de vermelho.

“Tenho objetivos na vida”, desafiou. “Quero uma carreira de sucesso. Não preciso de um homem.”

As suas próprias palavras surpreenderam-na. Olhou para o avô, esperando uma expressão de reprovação ou um olhar severo.

Ele estava sentado à cabeceira da mesa — um rei com a confiança de um leão.

Nada.

O leão dormia.

O tilintar dos talheres. O chilrear entre os primos estrangeiros. Engolir.

O telemóvel da tia tocou. O som era incrivelmente alto, mas ainda assim uma pausa bem-vinda no ruído do metal a cortar contra a porcelana.

Não conseguia ouvir o que diziam do outro lado da linha.

Um sorriso matreiro desenhou-se no rosto da tia, afiando-lhe o bico. Riu-se — quase gargalhou — e cruzou o olhar com a rapariga. Depois, inclinou-se para sussurrar algo ao ouvido do irmão.

“Bem merecido”, disse ele.

Riram-se todos. O som assemelhava-se ao uivo de bestas.

A rapariga procurou no rosto deles pistas sobre o conteúdo da chamada. Mastigavam de boca aberta. Os copos de vidro estavam embaciados e com impressões digitais. Trocaram olhares cúmplices enquanto falavam numa língua que ela não compreendia.

Já não havia comida no prato. O pobre animal fora dilacerado por garfadas empunhadas com brutalidade. Os seus rostos brilhavam com gordura. Facas afiadas raspavam os ossos à procura dos últimos vestígios de carne. Ela estava convencida de que tinham devorado cada fio de músculo e camada de gordura.

Ela era o borrego.

Nenhuma presa se oferece de bandeja a um predador — por isso, ficou em silêncio. Puxou o telemóvel de debaixo das pernas e escreveu uma mensagem para a mãe: ‘Vem buscar-me. URGENTE.’

O leão rugiu.

“Nada de telemóveis à mesa! Já te disse isto vezes sem conta e nunca aprendes. É uma questão de respeito.”



(Entre) Suspiros (respirações numa sessão de *journaling*)

Autoria: Teresa
Edição: Catarina Casal
Ilustração: Yuna Le Quéré

Uma vida de exatidões ou uma vida de infinitades (i)limitadas.

O que será pior? Ou menos pior? Ou melhor – arrisco.

Antes, não pensava nisso; era um subconsciente que interpelava como um coro.

O que eu dava como certo não é mais certo sem também não ser errado.

Agora que saboreei, não sei mais onde me perco.

27.09.2023



Corpo de homem, Coração de mulher

Autoria: Lucas Encarnação
Edição: Mariana Lameiro

Desejos de superioridade,
Quando de inferioridade se sente refém.
Não beijo a competição,
Beijo zés-ninguém.
Ressabiado ou traumatizado,
Manifesta-se com desdém.
Amor dentro das calças,
"Amor", da boca para fora,
Amor ao desconhecido também.

O amor sempre acabará por desvanecer.
A tripa bate-me no céu da boca
À hora de comer.
Os meus olhos reviram
Ao ritmo da estupidez,
No decorrer da efémera leveza do meu ser.
Não é por acaso
Que se diz ter corpo de homem,
Coração de mulher.

Chamados de homens progressistas,
Aqueles que choram à vez.
Imagens distorcidas
Para meu entristecer.
Falta de coerência,
Não tenho lágrimas para oferecer.
Não é nenhuma surpresa
Que o meu coração se feche,
Ao te ver.

A inutilidade da arte

Autoria:
Tradução:
Ilustração:

No regresso a casa, passo sempre mesmo ao lado de um cartaz gigantesco que anuncia a próxima grande produção de Hollywood. Este novo, estou a ver que é baseado num livro. Pergunto-me como se sentirá o autor. Ter as suas palavras projetadas para o mundo inteiro, mesmo que apenas através de um ecrã. Pondero as possibilidades do futuro e do quão longe me sinto daqueles que alcançaram o impensável. Mais ainda, pergunto-me se será sequer uma possibilidade. Talvez esta especialidade, esta influência e impacto estejam reservados apenas àqueles que nasceram diferentes, destinados a ser grandes. Pergunto-me se a procura da arte será inútil.

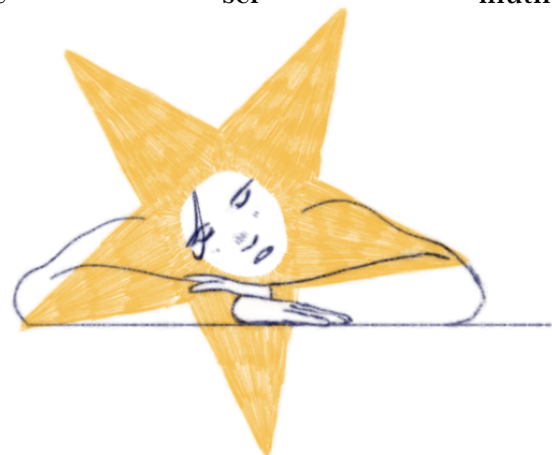
Sempre sonhei com algo mais. Uma vida preenchida por sonhos e ambições e felicidade. Que o meu nome fosse sinónimo de grandeza e de conquistas, que as minhas palavras estivessem nos corações e nos lábios de milhões de pessoas. Isto não me torna única. Infelizmente, torna-me apenas mais humana. O anseio interminável pela arte é algo destinado a todas as almas que anseiam por liberdade. Essa oportunidade — tão pequena e aberta a tão poucos — de viver a vida apenas como consequência dos próprios sentimentos é um sonho preso em tantos corações. No entanto, a sua componente comum não o torna mais acessível.

Ser suficientemente corajoso para seguires os teus sonhos nas artes é aceitar que o mundo não deseja o teu sucesso. A sua visão do talento e do valor está apenas destinada aos que já o conseguiram. Eles acreditam que a procura da arte não é mais do que um passatempo, que aqueles que precisam de estudar, aprender e praticar nunca poderão ter sucesso. O principal problema com a compreensão de “arte”, na minha opinião, é a crença constante de que só está disponível para alguns selecionados — extraordinários e bizarros — poucos.

Ninguém acredita que serás diferente, que serás capaz de te distinguires de todos os outros que esperam por uma oportunidade para mostrar o seu talento.

É possível que tenham razão, que a arte não seja para todos. A simples reflexão sobre a particularidade dos outros não ajuda na busca da sua própria. O amor pela arte não implica necessariamente uma predisposição para a fazer, compreendê-la e estudá-la não garante a ninguém a capacidade de a criar. Então, porquê segui-la? Porquê escolher o caminho complicado e nem sempre gratificante da arte?

Acredito que a arte tem o poder de mudar. De encontrar beleza e sentimento na parte mais medíocre de nós próprios, para nos vermos e compreendermos uns aos outros como algo que vai para além da nossa humanidade. A arte permite-nos voar tão longe e tão alto quanto desejamos, libertando-nos dos constrangimentos da vida quotidiana. A poesia, a literatura, a música, a pintura. Estas alimentam os grandes corações que têm fome de paixão, que procuram ser preenchidos por todas as emoções que a vida tem para oferecer. A grandeza e o reconhecimento são apenas secundários quando comparados com a possibilidade de tocar verdadeiramente alguém. A mera produção de qualquer forma de arte tem associada a si uma singularidade pura que nunca poderá ser igualada. A arte é amor, tristeza, desdém e emoção. É comover e ser comovido. A arte é sentimento. A arte nunca pode ser inútil.



O Jornal O COLA é um projeto de Letras para Letras.

Estamos sempre a aceitar os teus textos, poemas, ensaios, críticas, histórias (flash fiction, histórias curtas,...), reportagens, ilustrações, fotografias, entradas de diário, entre outros!



Acompanha-nos

-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  jornalocola@gmail.com
-  www.jornalocola.com

 Associação de Estudantes | FLUL
@aeflul
www.facebook.com/aeflulisboa